



Prefácio

Antonio Carlos Barbosa da Silva

Como citar: SILVA, Antonio Carlos Barbosa da. Prefácio. *In*: SILVA, Marina Coimbra Casadei Barbosa da. **Entre Sentir e Pensar: Desvendando a Estética da Sensibilidade na Educação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p. 13-26. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-498-1.p13-26>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PREFÁCIO

É com apreço que introduzo a obra **"Entre Sentir e Pensar: desvendando a Estética da Sensibilidade na Educação"**, uma incursão acadêmica audaz da Psicóloga, Professora de Psicologia e Doutora em Educação Marina Coimbra Casadei Barbosa da Silva.

A obra emerge como uma contribuição relevante para a compreensão crítica do conceito da estética da sensibilidade no contexto educacional brasileiro. Ao promover uma reflexão meticulosa, a autora entrelaça temas de filosofia, educação, psicologia e teorias decoloniais, demonstrando sua capacidade de dialogar entre diferentes campos do saber.

Este livro se notabiliza por expandir debates entre diferentes campos do conhecimento, apresentando um leque variado de reflexões e perspectivas. Com uma abordagem metodológica inteligente e coesa, o texto consegue enriquecer a discussão ao mesclar diversas visões teóricas.

Dedicando um capítulo inteiro às metodologias de pesquisa, o texto nos introduz à "Bricolagem Metodológica e Reflexão Crítica". Esta técnica não apenas inova no campo da pesquisa, mas também se fundamenta em uma lógica convincente e prática. A técnica de bricolagem é particularmente adaptável e alinha-se com o objetivo de examinar a estética da sensibilidade de maneira crítica e contemporânea.

A bricolagem surge como uma abordagem instigante na pesquisa, celebrando a união de diferentes disciplinas. Ela acolhe tanto teorias tradicionais quanto inovações filosóficas e decoloniais, proporcionando ao pesquisador as ferramentas para explorar

profundamente seu tema de estudo com base em uma ampla gama de fontes. Essa técnica não só respeita a complexidade do tema investigado, mas também mantém uma dedicação ao detalhe científico, cruzando fronteiras entre o social, cultural, educacional e psicológico.

Mais do que uma simples ferramenta, a bricolagem é uma resposta às demandas atuais por uma pesquisa que seja ao mesmo tempo adaptável e minuciosa. Essa abordagem não é apenas um meio de pesquisa, mas uma estratégia essencial para um estudo genuíno e holístico, que respeita a diversidade de perspectivas e experiências que compõem o universo da educação estética.

No escopo deste estudo, a bricolagem científica é interpretada como uma concepção de pesquisa que proporciona ao pesquisador uma liberdade ampliada para transitar pelo território metodológico. Essa abordagem não compromete a necessária meticulosidade na formulação do conhecimento, pelo contrário, ela promove a associação de diversos saberes. Isso resulta em uma compreensão mais abrangente do objeto de pesquisa, enriquecida pelas perspectivas socioculturais, políticas, filosóficas, sociológicas, psicológicas, históricas, educacionais, éticas e estéticas, entre outras dimensões.

No segmento "A Estética da Sensibilidade: Multiplicidade de Sentidos e Limitações", a autora direciona sua análise à concepção oficial da estética da sensibilidade, conforme delineada nos documentos educacionais. O texto examina as restrições associadas a essa definição, que fez sua estreia nos registros do Ministério da Educação com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, datadas de 1998. Nesse contexto, a estética da sensibilidade foi posicionada, juntamente com a política da igualdade e a ética da identidade, como um dos três princípios educacionais fundamentais. Estes princípios, por sua vez, direcionariam a elaboração curricular,

as metodologias e as práticas educativas adotadas pelos profissionais da educação.

A estética da sensibilidade, enquanto conceito educacional, assumiu a responsabilidade de instigar novos processos de subjetivação nos alunos, visando prepará-los para enfrentar os desafios de uma sociedade em constante crescimento tecnológico. Além disso, procurava adaptar os indivíduos às novas competências demandadas pelo mercado de trabalho globalizado. A introdução dessa temática no âmbito educacional propunha substituir o tradicional enfoque na repetição e padronização, incentivando a criatividade, o pensamento inovador, a busca pelo inusitado, a expressão da afetividade e a formação de identidades capazes de lidar com a inquietação, a incerteza e a diversidade.

No escopo do debate acadêmico contemporâneo, a autora defende de forma eloquente a tese de que a integração da estética da sensibilidade no âmbito educacional é uma estratégia pedagógica essencial para enriquecer a qualidade, a delicadeza e a sutileza nas experiências de aprendizagem. Ela postula que tal integração propicia um ambiente onde a ludicidade e a alegoria se tornam meios significativos de engajamento com o mundo, incentivando, assim, a valorização do lazer, da sexualidade e da imaginação como práticas de uma liberdade exercida com responsabilidade. Esta perspectiva pedagógica sugere uma evolução disruptiva do paradigma convencional, propondo uma harmonização com um ethos educativo mais fluido e responsivo às constantes metamorfoses sociais e tecnológicas.

A autora apresenta uma ideia poderosa: ao integrar a estética no coração da educação, podemos desencadear transformações significativas nas escolas. Mais do que isso, ela sugere que essa mudança pode inspirar tanto a resistência a métodos de ensino

ultrapassados quanto o desenvolvimento de novas formas de identidade pessoal e coletiva no ambiente educacional.

Ela defende que é essencial mergulhar nas raízes e no significado profundo da 'estética da sensibilidade' para entender completamente seu impacto. O trabalho revela que, muitas vezes, o ensino da estética é vago, o que pode ser um reflexo das complexas dinâmicas sociais, culturais e políticas atuais, e possivelmente uma estratégia deliberada para alterar ou diluir o entendimento convencional de estética.

Ao incorporar a estética nas salas de aula, poderíamos expandir o modo como os alunos pensam e questionam o mundo, promovendo uma análise mais profunda e crítica. Comprometida com o desvendamento desse tema multifacetado, a autora promete uma investigação mais aprofundada em capítulos futuros, com uma abordagem que promete não só elucidar, mas também desafiar o entendimento tradicional da estética através de um exame filosófico metuculoso.

No terceiro capítulo de sua obra, intitulado "A Estética na Filosofia Clássica: Baumgarten, Kant e Schiller," a pesquisadora explora diversos aspectos do conceito de estética na Filosofia Clássica. Seu objetivo é compreender a origem e o sentido inicial desse conceito, contribuindo assim para a construção de uma possível definição para a 'estética da sensibilidade' no âmbito da Filosofia da Educação.

A autora empreende uma incursão filosófica profunda ao discernir entre estética e arte, uma distinção crucial para a compreensão do desenvolvimento humano e da educação. A estética, tal como discutida nas reformas educacionais contemporâneas, transcende a mera arte ao abraçar integralmente a esfera da sensibilidade humana - uma sinfonia de percepções, emoções, e

expressões em objetos, sons e visões. Este estudo revive o legado da Grécia Antiga, onde a estética não era apenas apreciada, mas fundamental para a compreensão da condição humana.

Através da lente de Baumgarten, que em sua obra "Aesthetica" estabelece a estética como a ciência das sensações, a autora explora a busca da beleza como a quintessência do conhecimento sensível. Baumgarten reimagina o belo, não como um mero acidente da natureza, mas como uma força antropocêntrica, uma interseção entre razão e a experiência sensorial elevada. Sua visão pioneira redirecionou o belo para longe do mero utilitarismo, colocando-o firmemente na arena da subjetividade e representação harmônica, uma verdadeira revolução paradigmática.

O texto avança para a filosofia de Immanuel Kant, explorando sua concepção sobre o belo e o sublime, elementos centrais da estética. Kant nos ensina que o prazer estético nasce do julgamento de gosto, um processo que envolve nossa capacidade de imaginar e sentir profundamente. Esta interação, segundo ele, é complexa e revela uma relação de tensão e, curiosamente, de complementaridade entre a racionalidade e a imaginação.

Kant nos apresenta o sublime como uma experiência de prazer atípica, nascida da contemplação de fenômenos que transcendem nossa compreensão, seja pela sua magnitude ou força avassaladora. Ele descreve esse sentimento como um 'prazer negativo', uma forma de apreciação que nasce ao reconhecermos as limitações de nossa mente frente à imensidão da realidade.

Essa experiência do sublime é enfatizada como um aspecto crucial da existência humana, colocando-nos diante do vasto e ilimitado e, através deste confronto, transformando nossa percepção de nós mesmos e do mundo. É um lembrete da nossa finitude diante

do infinito, uma lição de humildade que nos oferece um tipo distinto de satisfação e reverência.

A autora desdobra a dialética kantiana, ilustrando como a tensão entre a razão — nosso poder de pensar e ordenar o conhecimento — e a imaginação — a fonte de nossa criatividade e inovação — não é apenas uma batalha interna, mas uma dança. Estas faculdades, embora muitas vezes pareçam opostas, são na verdade complementares e essenciais para a experiência estética completa.

Ela aponta que o prazer estético, segundo Kant, não é um simples contentamento sensorial, mas resulta de um julgamento de gosto — uma capacidade de avaliação que é intrínseca ao ser humano. Este julgamento é uma orquestração complexa entre nossa capacidade de imaginar e nossa sensibilidade, isto é, nossa habilidade de sentir e de responder emocionalmente ao mundo ao nosso redor.

A abordagem da autora sobre o pensamento de Kant nos faz ver que a estética vai muito além do que é simplesmente agradável aos olhos. Ela toca o núcleo de nossa experiência como seres humanos, convidando-nos a refletir sobre o nosso lugar no mundo e como percebemos a realidade ao nosso redor. Esta não é uma ideia apenas para filósofos; é algo que todos nós podemos sentir e entender em nosso cotidiano. Ao aprender sobre a estética de Kant, mesmo aqueles de nós sem conhecimento prévio em filosofia podem começar a ver o mundo de uma maneira nova e enriquecedora.

A obra de Schiller, "Sobre a Educação Estética do Homem", é habilmente integrada à discussão, com sua noção de belo como sensível e objetivo. Schiller não só busca a síntese do belo e do sublime, mas vê na educação estética um caminho para refinar os sentimentos e promover a liberdade humana - uma liberdade que é tão estética quanto é ética.

Ao entrelaçar as teorias de Baumgarten, Kant e Schiller à pedagogia contemporânea, o estudo estabelece um diálogo enriquecedor com a Filosofia da Educação moderna, expandindo a conversa sobre a estética da sensibilidade. Esse trabalho lança uma crítica ao predomínio da razão e do empirismo na educação brasileira, que muitas vezes prioriza o tangível e o mensurável em prejuízo das dimensões subjetivas e emocionais. A estética da sensibilidade, nesse contexto, é vista sob um viés pragmático, servindo mais como instrumento de utilidade do que como caminho para a emancipação intelectual.

Este estudo desafia o paradigma vigente, advogando por uma compreensão da estética que vá além da lógica instrumental, cultivando a formação de indivíduos conscientes de seu papel crítico e ético na sociedade. Nesse sentido, ressalta-se a importância de revisitar a estética da sensibilidade por meio de uma abordagem teórica que se afaste de uma racionalidade estrita.

O texto prevê uma investigação adicional que considerará a singularidade do Brasil, distanciando-se das raízes educacionais europeias coloniais. Reconhecerá as características únicas da sociedade brasileira que persistem apesar das tentativas de homogeneização cultural. Um capítulo futuro promete explorar a educação e a sociedade brasileira através do prisma da teoria decolonial, buscando valorizar e integrar a identidade nacional no discurso educativo.

No capítulo "Perspectivas Decoloniais: Articulações em/para a Filosofia da Educação," a análise profunda da decolonialidade se apoia em uma revisão bibliográfica robusta, desvendando as cicatrizes da colonização europeia na América Latina e suas imposições sobre os conhecimentos dos povos originários. O estudo aponta como o colonialismo velou a rica história e diversidade cultural dos povos indígenas, entrelaçando-se na gênese de estruturas étnico-raciais e

sexistas e deixando legados de opressão que ainda ressoam na contemporaneidade sob as sombras do racismo, machismo, capitalismo e globalismo.

A obra em questão mergulha nas complexidades da América Latina, examinando-a sob o arcabouço da teoria decolonial, que desvenda a região como um cenário onde as narrativas modernas/coloniais se entrelaçam. Esta análise acadêmica enfatiza como a chegada dos europeus impôs um novo sistema de valores e conhecimentos, frequentemente camuflados sob a noção de progresso, mas que, na realidade, resultou na opressão e na marginalização sistemática das culturas indígenas e afrodescendentes.

Através do pensamento crítico de Aníbal Quijano, a obra desafia a suposta superioridade do paradigma ocidental, argumentando que o processo de modernização na América Latina foi, de fato, um veículo de violência e dominação. Quijano cunhou o conceito de "colonialidade do poder", um termo que explica como as estruturas coloniais sobrevivem no presente, perpetuando desigualdades sociais, raciais e econômicas. Seu trabalho argumenta que a colonialidade não terminou com as independências formais dos países latino-americanos, mas continuou a moldar as sociedades de maneiras mais sutis e profundamente enraizadas.

A obra expande essa discussão ao abordar como a colonialidade afeta a epistemologia — a forma como conhecemos e compreendemos o mundo. Ela ressalta que o conhecimento e a cultura foram colonizados juntamente com os territórios, levando à desvalorização ou mesmo ao apagamento de práticas e saberes não europeus. Isso cria o que Quijano e outros teóricos decoloniais chamam de "hierarquia global de conhecimento", onde as formas de saber dos colonizadores são vistas como superiores e mais legítimas do que aquelas dos colonizados.

Atrativa tanto para acadêmicos quanto para o público mais amplo, esta obra não apenas explica a teoria decolonial, mas também ilustra como ela pode ser usada para reinterpretar a história e a cultura da América Latina. Ao fazer isso, ela nos encoraja a reconhecer e valorizar as ricas tradições e conhecimentos dos povos originários e afrodescendentes, e a considerar maneiras de descolonizar nosso pensamento e práticas atuais.

Este estudo defende o movimento decolonial como um caminho para reavivar os elementos culturais essenciais dos povos nativos, contribuindo para uma identidade genuína e fortalecida. A postura intercultural proposta abraça a multiplicidade de saberes e práticas, incentivando uma coexistência equitativa e sem preconceitos, culminando em uma interculturalidade autêntica.

Frantz Fanon, um pensador seminal da decolonialidade, é invocado para introduzir a noção de "sociogênese". Esta ideia desafia a visão simplista da identidade negra, mostrando que ela é forjada dentro do imaginário racial do colonialismo, e não se limita a características fenotípicas. É uma visão que convida à reflexão sobre as camadas profundas de significado que compõem a identidade em um mundo ainda assombrado por seu passado colonial.

"Sociogênese" basicamente significa como as sociedades se formam e evoluem ao longo do tempo. Fanon foca em como as sociedades mudam depois de se libertarem do controle colonial. Este livro argumenta que essa ideia é única porque vai além do que é tradicionalmente explorado em estudos sobre evolução humana e desenvolvimento individual, ao enfatizar a experiência de pessoas que foram oprimidas pelo colonialismo.

Enquanto áreas como a Sociologia, a Psicologia e a História tentam entender a experiência dos negros, a sociogênese proposta por Fanon vai mais fundo, desafiando as maneiras tradicionais de pensar

e aprender sobre o mundo, especialmente quando se trata de conhecimento que vem da perspectiva decolonial. Ele quer saber como as relações sociais afetam a identidade das pessoas, tanto individual quanto coletivamente, e como essas relações podem mudar depois que um país se liberta do colonialismo. A abordagem de Fanon é valiosa porque nos ajuda a entender os desafios que as sociedades enfrentam enquanto tentam se transformar e se libertar das sombras do passado colonial.

Em resumo, o capítulo oferece uma contribuição significativa para o entendimento da decolonialidade na Filosofia da Educação, explorando as raízes históricas da colonização na América Latina e propondo uma abordagem intercultural e desobediente epistêmica como caminho para uma compreensão mais autêntica e inclusiva. Pode-se afirmar que a análise da autora é fundamentada em uma cuidadosa revisão bibliográfica, enriquecendo o debate acadêmico sobre as perspectivas decoloniais.

No capítulo "Qual o Lugar da Estética da Sensibilidade?", a reflexão se volta para a integração da estética da sensibilidade dentro de uma moldura decolonial, com um olhar atento para a realidade educacional da América Latina, e mais precisamente, do Brasil. A indagação central é se a educação brasileira, com seus moldes fortemente influenciados pelo eurocentrismo, pode verdadeiramente abraçar e refletir uma estética da sensibilidade que seja autenticamente latino-americana.

A discussão proposta parte do resgate dos fundamentos da estética oriundos da filosofia clássica ocidental, buscando reinterpretá-los sob uma perspectiva decolonial. Aqui, a estética da sensibilidade é entendida como uma análise profunda das formas de sentir e de perceber, ressaltando sua capacidade de unir racionalidade

e emoção, e de atuar como elemento propulsor na resolução das tensões entre experiências sensíveis e pensamentos estruturados.

A obra se apropria do legado do filósofo Rodolfo Kusch, um precursor de ideias decoloniais, para fundamentar esta análise. Kusch é reconhecido por sua abordagem de reavaliação cultural a partir das raízes da sociedade, valorizando a perspectiva dos camponeses e sua resistência às imposições culturais dominantes. Embora Kusch não tenha empregado explicitamente o termo "decolonial", seu trabalho é situado neste campo crítico, enriquecendo a compreensão da estética em contextos pós-coloniais.

A necessidade de forjar uma filosofia que se enraíze na realidade presente e que honre as culturas e valores locais é posta em destaque como um passo essencial para a descolonização do pensamento. A ideia de uma identidade enraizada, ligada ao "ser" no próprio ambiente, é central para a autenticidade latino-americana. O texto aponta para uma lacuna na educação latino-americana, muitas vezes inundada por práticas pedagógicas importadas que desconsideram o contexto cultural local.

O capítulo conclama a um equilíbrio entre conteúdo e forma educacionais, sugerindo que integrar plenamente o sentir ao pensar é crucial para uma estética da sensibilidade que seja não apenas teórica, mas vivida e autêntica, refletindo verdadeiramente a alma latino-americana.

Em sua abordagem aponta a complexa relação entre ser e estar na formação do latino-americano, ressaltando o embate entre a cultura ancestral e aquela imposta pela colonização. Além disso, reflete sobre os objetivos da educação contemporânea, sua interação com o poder político e a resistência presente nos ambientes educativos.

A estética da sensibilidade é apresentada como um ato de insurgência e resistência, buscando promover a formação de subjetividades decoloniais. A autora destaca a urgência de descolonizar a estética na educação, reconhecendo seu papel central nesse contexto.

A conexão entre as ideias de Paulo Freire e a perspectiva decolonial é destacada nesse capítulo, enfocando a valorização das memórias coletivas, diferentes abordagens de conhecimento e a ênfase na educação popular. Embora Paulo Freire não se rotule como autor decolonial, a autora ressalta que a pedagogia decolonial se alinha à sua concepção de pedagogia libertadora, desenvolvida a partir de 1960.

Tanto na perspectiva decolonial quanto nos trabalhos de Freire e Orlando Fals Borda, percebe-se a importância dada às memórias coletivas dos movimentos de resistência e à busca por abordagens diversas de conhecimento. É crucial salientar que a autora não está sugerindo uma equivalência direta entre as teorias de Freire e as teorias decoloniais, mas sim as considerando fontes inspiradoras, reconhecendo que a educação popular, defendida por Freire, destaca as potencialidades do conhecimento local e das experiências dos grupos subalternos, aspecto similar às propostas educativas decoloniais.

A necessidade de uma transformação significativa na educação brasileira é evidenciada, alinhando-a ao princípio da decolonialidade. Essa proposta aponta para uma abordagem crítica e reflexiva que reconhece as diversas formas de conhecimento, quebrando com os paradigmas educacionais tradicionais.

A estética da sensibilidade é então colocada como protagonista na educação decolonial, promovendo a subjetivação sensível, a percepção do Outro e a mudança das mentalidades. A autora encerra

propondo uma compreensão crítica do multiculturalismo como base para uma pedagogia decolonial.

No desfecho desta obra, a autora realiza uma incursão profunda na estética da sensibilidade, destacando sua notável distância das raízes etimológicas e semânticas, moldada pela generalização na sociedade de consumo e no capitalismo estético. Buscando coerência conceitual, a pesquisa resgata as ideias de filósofos proeminentes, como Baumgarten, Kant e Schiller, propondo uma definição mais robusta: a estética da sensibilidade como a habilidade de harmonizar o sentir e o pensar, agindo como catalisadora entre razão e emoção.

Diante da predominância de paradigmas cartesianos e positivistas na educação, a obra destaca a urgência de explorar alternativas, encontrando na teoria decolonial um arcabouço capaz de reconstruir o passado e examinar as feridas infligidas pelo colonialismo. A estética da sensibilidade, elemento central na educação decolonial, representa a sinergia entre razão e sensibilidade, incorporando o sentipensar e o corazonar.

Destaca-se, ainda, a visão de Kusch sobre a identidade latino-americana, situada entre a europeia e a dos povos nativos, sublinhando o papel crucial do movimento decolonial na forja de uma antropologia-filosófica singular. O conceito de "estar sem mais", expresso por Kusch, revela uma harmonia estética entre pensar e sentir, uma existência desvinculada das imposições do ser caracterizada pela completa aceitação do ciclo da vida.

A proposta de introduzir uma estética da sensibilidade na educação contemporânea é encarada como uma transgressão, demandando uma formação insurgente de professores para efetivar essa visão decolonial. O texto sugere reflexões futuras sobre esse desafio.

Ademais, a obra examina a influência da sociedade contemporânea na configuração da estética, considerando fatores como tecnologia, consumo e individualismo. A discussão sobre a estética na sociedade capitalista oferece insights cruciais para compreender o papel da educação nesse contexto.

O diálogo proposto entre sentir e pensar na educação, visando resgatar a harmonia entre esses elementos como essência da estética da sensibilidade, constitui uma contribuição genuína. A autora, de maneira convincente, argumenta sobre a necessidade de superar a dicotomia entre razão e emoção na prática educacional, promovendo uma abordagem mais integradora.

Ao mesclar densidade conceitual e lucidez expositiva, a autora mantém o rigor acadêmico essencial, proporcionando uma imersão profunda nos temas abordados. Destaca-se, ainda, a habilidade em articular um diálogo interdisciplinar de maneira coesa, proporcionando uma análise multifacetada que ressoa no cerne das questões discutidas.

A presente obra não apenas enriquece o campo acadêmico, mas também oferece uma contribuição significativa para a compreensão e promoção da estética da sensibilidade na educação brasileira. A obra de Marina Coimbra Casadei Barbosa da Silva, pela sua profundidade, originalidade e relevância, certamente se destaca como uma leitura essencial para pesquisadores, psicólogos, educadores e todos aqueles interessados em abordagens inovadoras no âmbito educacional.

Professor Doutor Antonio Carlos Barbosa da Silva

Psicologia Social, Unesp-Assis